

A ontologia da arte

Desidério Murcho

Universidade Federal de Ouro Preto

O que é a ontologia?

- O centro da ontologia é a **teoria das categorias**
 - Quais são as categorias mais gerais?
 - A que categorias pertencem as entidades problemáticas?

Entidades

Particulares

Concretos

Abstratos

Universais

Propriedades

Relações



Particulares e universais

- Particular
 - Pode ter propriedades mas não pode ser propriedade de coisa alguma
- Universal
 - O que há de comum quando vários particulares exemplificam a mesma propriedade
 - Pode ter propriedades (de segunda ordem)
 - A propriedade da brancura tem a propriedade de ser uma cor

Concreto e abstrato

- Entidades concretas
 - Têm localização no espaço-temporal
 - Árvores, animais
- Entidades abstratas
 - Não têm localização espaço-temporal
 - Números, proposições

Complicações

- O tempo é uma entidade abstrata ou concreta?
- Talvez o tempo seja apenas um universal relacional
- Mas os universais podem ser concebidos como concretos ou abstratos

Universais

- Universal *ante res*
 - A vermelhidão não existe no tempo nem no espaço, é apenas *exemplificada* no tempo e no espaço
- Universal *in rebus*
 - A vermelhidão é apenas o conjunto de todos os objetos vermelhos existentes no tempo e no espaço

Três problemas de ontologia da arte

1. A que categorias pertencem as obras de arte?
 - São objetos físicos?
 - Categorias ideais?
 - Entidades imaginárias?

Três problemas de ontologia da arte

1. A que categorias pertencem as obras de arte?
2. Como se relacionam os diversos tipos de obras de arte com:
 - Os estados mentais dos artistas ou do público?
 - Os objetos físicos?
 - As estruturas linguísticas, visuais ou auditivas abstratas?

Três problemas de ontologia da arte

1. A que categorias pertencem as obras de arte?
2. Como se relacionam os diversos tipos de obras de arte com:
3. Em que condições as obras de arte surgem, subsistem e cessam de existir?

Conceção comum

- As obras de arte foram criadas num certo momento do tempo
- Foram criadas por meio da imaginação criativa dos artistas
- Depois de criadas, tornam-se entidades públicas

Conceção comum

- Pinturas e esculturas
 - São vistas como entidades únicas, irrepetíveis, com localização espaço-temporal
 - Podem ser destruídas
- Música e literatura
 - Não são vistas como entidades com localização espaço-temporal
 - As diversas execuções de uma sonata e os diversos exemplares de um livro não são cópias sem valor

Conceção física da arte

- As pinturas e esculturas são entidades concretas como as pedras e os animais
- As peças musicais e as obras literárias são ocorrências, eventos ou acontecimentos como quaisquer outros: terremotos ou chuvadas

Contra a concepção física da arte

R. G. Collingwood rejeita a concepção física da arte por duas razões

1. Criar uma obra de arte é diferente de criar outra entidade física
2. Percecionar uma obra de arte como arte é diferente de percecionar uma entidade física

Argumento da criação

- Para criar uma obra de arte é *necessária* imaginação criativa
 - Para criar uma mera entidade física não é necessária
- Para criar uma obra de arte é *suficiente* imaginá-la: não é preciso realizá-la fisicamente
 - Para criar uma entidade física não é suficiente imaginá-la

Argumento da percepção

- Para perceber uma obra de arte não é *suficiente* perceber um conjunto de sons ou formas e cores
 - Para perceber um objeto físico isso é suficiente
- Para perceber uma obra de arte é *necessária* imaginação
 - Para perceber um objeto físico isso não é necessário

Arte imaginária ou ideal

- Collingwood concebe as obras de arte como experiências imaginativas e não físicas
- Os aspectos físicos das obras de arte são meros meios usados pelos artistas para que o público possa reconstruir a experiência imaginativa do artista

Sartre e Collingwood

- Sartre pensa também que as obras de arte não são entidades físicas, mas sim imaginárias
- Difere de Collingwood por concebê-las como **objetos imaginários** e não como **atividades imaginativas**

Objeção 1

- Quase nunca nos limitamos a perceber objetos físicos: interpretamo-los sempre
 - Ver uma ponte não é apenas ver uma estrutura de metal
 - Um médico não vê apenas manchas na pele: vê sintomas de uma doença
- Daqui nada se segue quanto ao estatuto ontológico do que vemos

Objeção 2

- A consequência de uma teoria ontológica como a de Collingwood ou Sartre é muito implausível: não seria possível *ouvir* obras musicais nem *ver* pinturas, pois não podemos perceber atividades imaginativas ou objetos imaginários

Objeção 3

- A ontologia da arte de Collingwood ou Sartre torna difícil explicar como podem duas pessoas diferentes falar ou ter experiência da mesma obra de arte

Objeção 4

- As obras de arte só existiriam quando são objeto de experiência

Intencionalidade e significado

- Identificar as obras de arte meramente com objetos físicos parece implausível
- Uma sonata é mais do que sons
 - Envolve intencionalidade, significado e propriedades estéticas
- Não é fácil descrever estes aspetos em termos puramente físicos

Persistência temporal

- Uma estátua e a matéria de que é feita têm condições diferentes de persistência temporal
- A estátua permanece a mesma, mesmo que se substitua um dedo que se partiu
 - A matéria não permanece a mesma
- A matéria permanece a mesma, mesmo que partamos a estátua aos pedaços
 - A estátua não permanece a mesma

Dilema

- É implausível que uma obra de arte seja meramente “atividade imaginativa” ou um “objeto imaginário”
- Mas também é implausível que seja apenas uma entidade física, como pedras e árvores
- Se a obra de arte é uma entidade concreta e não uma entidade imaginária, que género de entidade é?

O caso da música

- É plausível que uma estátua seja uma entidade física, concreta, ainda que tenha propriedades especiais
- Mas uma sonata não é identificável com qualquer das suas partituras
- As execuções de uma sonata são acontecimentos físicos concretos, mas a sonata em si parece ser outro tipo de entidade

A distinção tipo-espécime

- Um exemplar particular de *Os Maias* é um espécime do tipo *Os Maias*
- O espécime, mas não o tipo, tem existência espaço-temporal (é concreto)
- Outro exemplo: ao destruir o meu exemplar da *Folha de São Paulo* de hoje eu não destruí a *Folha de São Paulo* de hoje

Richard Wolheim

- As obras de música e literatura são *tipos*, dos quais as execuções ou cópias são *espécimes*
- Mas as pinturas e esculturas são sempre espécimes

Gregory Currie

- Todas as obras de arte são tipos abstratos, dos quais os seus exemplares concretos são os espécimes
- Isto inclui a pintura e a escultura

Dificuldade

- Se concebermos as obras de arte como tipos e os tipos como entidades abstratas eternas, segue-se que os artistas não criam as obras de arte: descobrem-nas ou selecionam-nas
- É implausível, mas podemos insistir que os tipos não são entidades eternas, apesar de serem abstratas

Violar o senso comum

- Todas as alternativas ontológicas mais óbvias violam o senso comum
 - Entidade imaginária ou atividade imaginativa
 - Objeto meramente físico
 - Tipo abstrato

Diferença epistémica

- Qual é o problema de violar o senso comum?
 - A física também viola o senso comum
- A física é uma teoria epistemicamente muitíssimo sólida
- As teorias da arte não tem o mesmo grau de solidez

O caso das teorias da referência

- Algumas teorias filosóficas parecem exigir a reforma das nossas crenças de senso comum
- É o caso das teorias causais da referência, que violam o descritivismo intuitivo

Objeção

- É duvidoso que alguém tenha intuições pré-teóricas descritivistas quanto à referência dos nomes
- Um exemplo melhor são as ilusões modais de senso comum
 - Confundir “Sócrates poderia chamar-se ‘Aristóteles’” com “Sócrates poderia ser Aristóteles”

Categorias naturais

- Termos como “água” e “baleia” referem entidades que pertencem a categorias naturais
 - Uma categoria natural é um grupo de coisas que têm uma natureza comum relevante, independente das nossas classificações
- Termos como “sinfonia” ou “romance” não referem entidades que pertençam a categorias naturais

O que está em causa?

- Qualquer argumento que defenda a possibilidade de erro do senso comum tem de ter em conta que os termos da arte não são categorias naturais

O problema “qua”

- “Água” refere a água porque estamos em contacto causal com a água
- Mas não estamos em contacto causal só com a água: estamos também em contacto com um líquido, moléculas, humidade, etc.
- É assim necessário um mecanismo de seleção da categoria ontológica que queremos referir com o termo “água”

Ontologia de senso comum

- Se a referência de termos como “pintura” exige uma escolha ontológica prévia, então a ontologia do senso comum não pode estar *radicalmente* errada
- Mas pode parcialmente estar errada

Revisão ontológica

- As obras de arte parecem ser a um tempo entidades físicas e intencionais
- Mas isto não é particularmente surpreendente: as palavras ditas também são entidades físicas (sons) e intencionais
- Por outro lado, as intenções são ocorrências físicas num mundo físico

Teatro extraterrestre

- Um dramaturgo extraterrestre que desconhece a Terra inventa uma peça sobre uma personagem por ele imaginada
- A personagem corresponde exatamente a Sócrates, em todos os pormenores relevantes
- É a peça sobre Sócrates?